

Mulheres migrantes do sul global no contexto pandêmico em Portugal

Renata Maria Franco Ribeiroⁱ 

Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal

1

Resumo

Este relato faz parte das notas de campo da minha pesquisa do curso de mestrado em antropologia nos anos de 2020 e 2021 na freguesia Vale da Amoreira no Concelho de Moita (Portugal). Propomos analisar os percursos e cotidianos das mulheres guineenses a partir da agencia e redes com reflexo no *habitusfeminino* que mobiliza as redes sociais, atuando num quadro de microliberdades e microassistências no cerne da emancipação e cidadania, no contexto pandemia da Covid-19. Destaco que estas mulheres possuem percursos migratórios distintos e oriundas de sociedades com códigos culturais de pertença, sociabilidades diversas. Traremos as experiências de duas partícipes. A pesquisa se deu no campo das migrações e transnacionalismo dialogando com epistemologias decoloniais e feministas. Constatou-se a participação e engajamentos das mulheres guineenses no enfrentamento aos constrangimentos na migração e em tempos de crise pandémica no estado português.

Palavras-chave: Mulheres guineenses. Redes. Pandemia. Trabalho. Cotidianos.

Migrant women from the global South in the pandemic context in Portugal

Abstract

This report is part of the field notes of my research of the master's degree in anthropology in the years 2020 and 2021 in the parish of Vale do Amoreira in the Municipality of Moita (Portugal). We propose to analyze the paths and daily lives of Guinean women from the agency and networks with reflection of the female habitus that mobilizes social networks, acting in a framework of microfreedoms and microassistências at the heart of emancipation and citizenship, in the pandemic context of Covid-19. I would like to point out that these women have different migratory paths from societies with cultural codes of belonging, different sociability. We will bring the experiences of two participateers. The research took place in the field of migrations and transnationalism dialoguing with decolonial and feminist epistemologies. It was verified the participation and engagements of Guinean women in facing the constraints in migration and in times of crisis in the state Portuguese.

Keywords: Guinean women. Networks. Pandemic. Work. Everyday.

1 Introdução

2

Este trabalho propõe narrar os percursos de mulheres guineenses que residem no bairro do Vale da Amoreira-Moita (Portugal), onde abordamos a mobilização da agencialidade e cotidianos destacando as estratégias de sobrevivência na diáspora a partir de um quadro teórico-conceitual que articula agencia, cotidianos, redes sociais e as práticas de sociabilidades e pertencas com enquadramento na feminização das migrações, transnacionalismo e o contexto laboral.

As partícipes dessa investigação como já mencionado acima, constituem trajetórias migratórias distintas, Guiné-Bissau/Portugal, Guiné-Bissau/Brasil/Portugal, que migraram por motivações diversas para dar continuidade aos estudos, para juntar-se ao companheiro, para tratamento da saúde e em busca de melhores oportunidades de vida para si e seus filhos.

Nossas partícipes com idade entre 34 e 53 anos possuem histórico de organização em redes com base comunitária local, sindicais e familiares desde o primeiro momento do projeto de migrar.

As mulheres desta pesquisa são de sociedades multiétnicas. Estas se organizam com crenças, valores e pertencas diversos partilhando identidades e saberes comuns que acionam os meios de transformação social no atual contexto pandêmico através das práticas de afetos, redes de solidariedades, constituídos mesmo antes de chegar a Portugal (GODINHO, 2008).

A pergunta de partida foi formulada nos seguintes termos: Como as mulheres guineenses do bairro Vale da Amoreira (Moita) usam as redes sociais para reinterpretar as suas práticas e pertencas, gerir os seus cotidianos na relação com as instituições portuguesas e com o país de origem?

A relevância dessa investigação está no potencial feminino, fazendo uso do capital e redes, gerindo seus cotidianos em tempos de crise, considerando que o estado



português não consegue alcançar a todos e todas com os mecanismos criados com assistência social e condições de trabalho digno.

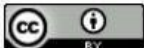
Portanto, para ampliar a discussão da feminização das migrações, protagonismo feminino, reconfiguração das redes e agência, focando o caso particular de um grupo de mulheres guineenses, são mulheres que são educadas em sociedades étnicas distintas, no país de origem da Guiné-Bissau. Ressalto que essa investigação não tratou as narrativas pessoais e coletivas das partícipes como mulheres subalternas, e sim respeitando as trajetórias, seus códigos culturais, saberes e pertencas e como reconfiguraram suas redes em tempos de crise.

A minha relação com a comunidade guineense não se inicia aqui em Portugal, vem desde meu país de origem Brasil no estado do Ceará por motivações diversas e, sobretudo acadêmicas como ex-aluna da UNILAB-Ceará e, atualmente, estende-se ao meu ciclo acadêmico e laboral temporário, onde também tenho a oportunidade de conviver no privado e no público com mulheres guineenses e angolanas, bem como possibilidades de estreitar os vínculos, pois ao mesmo tempo em que essas mulheres colocavam-se à disposição para colaborar com a pesquisa, construímos uma relação recíproca de respeito e de admiração e, por algumas vezes, compartilhamos os constrangimentos da condição de trabalho precário e o cuidado com nossos filhos.

2 Metodologia

Para a obtenção das informações, foram colocadas questões de cunho pessoal, social, cultural, econômico e outras reflexões que foram surgindo, considerando a atual situação em nível global, a pandemia Covid-19, impactou a vida das pessoas em diferentes aspectos, isto é, a saúde e as formas de sociabilidades de todas nós mulheres migrantes.

Para compreendermos tais questões, privilegiou-se a investigação qualitativa aliada as técnicas de observação participante, com a recolha de dados com entrevistas com um guia semiestruturado e a construção da biografização (histórias de vida), optamos





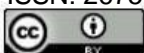
pelas ferramentas metodológicas da etnografia com os paradigmas do interpretativismo, na qual segundo Oliveira (1996) possibilita uma relação de vivência e experiências nos cotidianos com as mulheres participantes, partilhando seus projetos e ações, logo, "o Ouvir quanto o Olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação" (OLIVEIRA, 1996, p. 32) .

Nessa perspectiva, acentua a importância dos significados subjetivos, das relações construídas no convívio íntimo, baseados nos laços afetivos, familiares, nas relações sociais, como ações simbólicas, na forma como as mulheres guineenses constroem sua própria realidade e narrativa das experiências nos seus cotidianos (GUEERTZ, 2008).

3 Resultados e Discussão

Para o enquadramento teórico conceptual, o conceito de redes é alargado e diversificado (CARLEIAL, 2007; FARIA, 2017), articula funções, estruturas e interesses diversos, seja no âmbito pessoal, individual, associativo ou institucional, em nível das relações familiares, sociais, afetivas, pertenças e culturais, recriando as práticas relacionais e possibilidades que atravessam as fronteiras constituídas historicamente, criando e readaptando os projetos pessoais-coletivos.

Para Quintino (2004, p. 289), as redes já estabelecidas contribuem para o processo de inserção laboral. São as redes de entreatuda e de solidariedade. Esses membros orientam no primeiro momento no local de partida e, posteriormente, no local de acolhimento (chegada) como documentação, moradia e outros direcionamentos para adaptação na nova sociedade. As redes de pertenças podem ser acionadas pelos sujeitos de uma base étnica e familiar, por exemplo, a rede dos muçulmanos que se reproduz nas chamadas minirredes, ou seja, por seus familiares como netos e filhos, estes estabelecem vínculos familiares (QUINTINO, 2010).





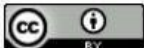
O histórico das migrações guineenses não é recente, têm um histórico marcado por redes de relações sociais (de parentesco, étnico, familiar, de vizinhança) desde o país de origem (CÓ, 2004; QUINTINO, 2010; COSTA, 2016), e que as redes sociais tendem a desempenhar um papel importante nos processos migratórios. Como o projeto de migrar concretiza-se como um projeto pessoal, mas também coletivo familiar, percebemos, por um lado, as dinâmicas que as redes geram e, por outro, como as redes sociais são criadas e como foi reconfigurando tais questões em tempos de crise pandêmica.

As partícipes da investigação, mulheres guineenses, experimentam no âmbito pessoal-coletivo, os impactos das desigualdades, seja na ausência social, na educação, na saúde, na oportunidade de trabalho desde o país de origem a Guiné-Bissau (GOMES, 2010) e agora experienciam em tempos de crise pandêmica no Estado Português, na precarização do trabalho, no direito à proteção à sua saúde, de seus filhos e parentes, de ter condições de fazer o isolamento social, a que crescem outros fatores como o estresse das multitarefas atribuídas às mulheres.

Conforme Bourdieu (1980), entendemos a agência pessoal/individual no âmbito das redes sociais migratórias, como um atributo individual numa escala coletiva. Desse modo, é preciso pensarmos como a reinvenção das organizações sociais coletivas envolvem conexões, que transpassam os limites de grupos e categorias para atender seus interesses, seja no campo sociopolítico e econômico, o que dá para atender aos interesses pessoais ou coletivos para concretizar seus projetos de vida.

Para Borges (2000, p. 367) “as mulheres são agentes económicos e sociais no qual através das suas experiências quotidianas, catalisam a mudança social”. Nesse cenário, as mulheres reorganizaram-se nas estratégias de resistências no cuidado com os filhos, nas práticas comerciais como vendas de vestuários vindo do país de origem, produtos alimentícios como camarão seco, cabaceira, óleo de palma, peixe, amendoim e outros.

Segundo Quintino (2004), os guineenses elaboram um pacote de etnicidade, partilhando códigos e instrumentos disponíveis que utilizam nos seus processos de





simbolização da origem. Assim, é importante destacar a ação catalisadora das mulheres na criação e recriação no modo de ser e de fazer na diáspora.

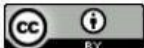
Como relata a partícipe no jardim da princesa, local onde as mulheres reúnem-se para o comércio:

As regras determinam o isolamento, fica em casa, eu nunca fiquei em casa não...imagina quem vai dar de comer os meus filhos? Se eu digo não vou trabalhar por causa da covid, o patrão coloca outra pessoa no meu lugar...uma amiga que está aqui mais tempo consegui outras horas de trabalho. Com as escolas fechadas eu fiquei meio perdida, mas tudo foi se vendo depois. E peguei umas horas a mais de trabalho, tem muita gente parada, deixei meus filhos com uma ama, tive que pagar, claro... a grande dificuldade que me deixa lixada são as horas demais de trabalho e a hora é pequena 4€ (Partícipe manjaco, 38 anos, formada em recursos humanos).

A narrativa da partícipe acima mostra esse contexto pandêmico e impactos no seu cotidiano, como as medidas de distanciamento social recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), refletem distintos impactos no cotidiano das populações e, desse modo, pensarmos o lugar de desprivilégio das mulheres pobres, racializadas e migrantes, que ocupam basicamente o lugar de todas as responsabilidades da família e com filhos, foram sentidas de forma diferente como: perderam a capacidade parcial ou total das suas rendas, ou tiveram que aceitar mais horas de trabalho ainda que o rendimento seja baixo, as escolas e creches fechadas, devido às medidas de isolamento social, tudo isso precisou ser pensado e gerido pelas mulheres mães, avós, tias, trabalhadoras estudantes para “seguir normalmente” seus projetos de sobrevivência na migração.

Eu moro aqui no vale a pouco tempo quase três anos, migrei primeiro para o Brasil-Ceará fui estudar, e em fevereiro de 2020 cheguei aqui. Por causa da pandemia, meu companheiro não conseguiu entrar no país, estou aqui com um filho de 4 anos. Tudo é muito difícil, as horas de trabalho é diferente, tenho que sair as 6 da manhã, depois saio 14 horas, chego as 22 horas em casa, depois fiquei sem trabalho. Ainda não tenho autorização de residente, aí que tudo fica mais complicado. Também tenho família aqui, e tenho uma madrinha que cuida do meu filho quando trabalho (Mulher guineense, 35 anos, Auxiliar de Enfermagem).

No contexto laboral e nas vivências cotidianas no bairro da área metropolitana de Lisboa do bairro Vale da Amoreia (Moita), as mulheres guineenses criam e recriam possibilidades para ultrapassar os constrangimentos para além das fronteiras simbólicas





e do Estado e Nação, construídas numa perspectiva no campo social e transnacional que as mantêm conectadas às redes de origem e recriadas na diáspora.

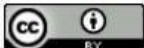
É possível observar nas relações dessas mulheres, como mencionado pela partícipe acima, que para gerir seus cotidianos elas mobilizam suas redes, seja de parentesco, familiar e de solidariedade. É fundamental o apoio de outras mulheres do cotidiano para conseguir gerir as horas fora de casa para exercer atividades laborais que surgem mesmo que informal.

Trago a entrevista da Presidente Lusa Evelyn Regner, da Comissão dos Direitos Humanos das Mulheres e da Igualdade de Gênero, do Parlamento Europeu, “a pandemia atual é “uma crise das mulheres”, isto reflete os evidentes impactos nas vidas das pessoas mais vulnerabilizadas que, na escala global, são as mulheres, porque são impactadas de forma desproporcional, reforçando pobreza e o trabalho precário”.

Por certo, as políticas em nível global e local ainda não conseguem incluir a todas para minimizar os impactos causados pelas desigualdades sociais que atravessam gênero, raça, classe e que se acentuaram no cenário da pandemia de Covid-19, o que é importante refletirmos que não podemos universalizar as mulheres e seus projetos de vida, e sim compreender como essas mulheres readaptam suas estratégias de resistências na diáspora.

As mulheres guineenses em suas sociedades de origem, são simultaneamente agentes de educação, da tradição familiar, de transmissão de valores pela oralidade, de agentes econômicos responsáveis por gerir as despesas de casa, isto é, as mulheres guineenses assumem papéis duplos de gerir e acionar os recursos para a sua sobrevivência e de seus dependentes, bem como a mantenedora na educação dos filhos (GOMES, 2019).

Compreendemos que as redes pensadas e geridas por mulheres, são redes mais fluidas, desde minirredes no bairro, familiar, como mulheres da mesma etnia, religião, trabalho, vizinhança e, se necessário fora dessas redes, quando construída uma relação no privado, essas formas de organização, no caso das mulheres de outras nacionalidades.



4 Considerações finais

8

A problemática a partir da qual se delineou a pesquisa centrou-se na compreensão da mobilização das redes sociais das mulheres guineenses, destacando as práticas de sociabilidades, agência e reconfiguração das redes em tempos de crise pandêmica global, na qual as mulheres foram impactadas em proporções diferentes.

É importante refletir acerca da agência dessas mulheres na negociação e no enfrentamento das múltiplas dificuldades experienciadas no cenário pandêmico, acionando seus recursos pessoais e coletivos, rompendo com os papéis preestabelecidos tanto na esfera privada como pública, insurgindo contra normas reproduzidas pelo patriarcalismo e sexismo, constantes nos discursos dominantes, tanto na sociedade do país de origem (partida) como na sociedade de acolhimento(chegada).

Segundo Marinucci (2020, p. 2) é “cada vez mais é questionável e obsoleta a redução das mulheres como agentes passivos no ato migratório”, há que considerarmos as motivações para migrar, ainda que as mulheres migrem para juntar-se à família, filhos e esposo, essas mulheres atuam diretamente no projeto migratório articulando emancipação e autonomia na mobilização das redes.

As redes sociais são imprescindíveis no contexto migratório das mulheres guineenses e, sobretudo, na inserção social e laboral no lugar de chegada, bem como no fortalecimento das práticas de sociabilidades que refletem educação e pertença reatualizadas na diáspora, como perspectiva de se construir cidadania entre dois mundos.

Destacamos que à margem do Estado Português, essas mulheres recriaram suas práticas coletivas de microrresistências no trabalho, na educação com os filhos, no comércio informal acionando recursos dentro do bairro, com parentes e fora do estado português com familiares para minimizar os impactos da pandemia de Covid-19 nos seus cotidianos.

Dessa forma, é relevante pensarmos em planos de intervenção como políticas públicas numa perspectiva de inclusão e igualdade de gênero e acesso a microcréditos



para o fomento às atividades que mobilizam as práticas comerciais geridas pelas mulheres guineenses.

Refletimos que o desafio de ser mulher migrante e africana é enfrentado diariamente e acentuou-se na pandemia, tanto para as mulheres recém-chegadas como para as mulheres que cá que já residiam há tempos. As redes de resistências dessas mulheres formam-se solidariamente entre mulheres na afirmação da sua autonomia e participação na sociedade de origem e na sociedade de chegada.

Referências

AGÊNCIA L. **Pandemia é uma crise das mulheres e aumentou a desigualdade de gênero.** Entrevista concedida a Lusa em 07 mar. 2021. Disponível em:

<https://www.dnoticias.pt/2021/3/7/253245-pandemia-e-uma-crise-das-mulheres-e-aumentou-desigualdade-de-genero/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BOURDIEU, P. **Le capital social.** Notes provisoires. Actes de la Recherche in Sciences Sociales, 31: 2-3, 1980.

OLIVEIRA, R. C. de. O Trabalho do Antropólogo, Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CARLEIAL, A. Cultura Migratória. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13, 2002. **Anais...** Ouro Preto/MG-Brasil, 2002.

CÓ, J. **As associações das comunidades migrantes em Portugal e a sua participação no desenvolvimento do país de origem:** o caso dos guineenses, SOCIUS WP 12, Lisboa: ISEG, 2004.

COSTA, B. A. **Diáspora guineense como agente de desenvolvimento local:** o papel das Associações Guineenses em Portugal nos projetos de cooperação e desenvolvimento na Guiné-Bissau. Dissertação de Mestrado. Lisboa: IUL, 2016.

FARIA, G. J. Feminização dos Circuitos Migratórios: um diálogo entre o trabalho do Care, Redes Sociais e Processos de Desenvolvimento Social. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 24-41, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/13652>. Acesso em: 30 jun. 2022.





GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GODINHO, S. C. **Novos possíveis**: estratégias identitárias de mulheres oriundas da Guiné-Bissau em Portugal. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE, 2008.

GOMES, P. As mulheres do setor informal: experiências da Guiné-Bissau. CONGRESSO DE ESTUDIOS AFRICANOS EN EL MUNDO IBÉRICO, 6., **Actas...** Las Palmas, Aquário, p.682- 700, 2010. Disponível em:

http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_6/Migr6_Sec1_Art3.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

MARINUCCI, R. Feminização das migrações? **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 15, n. 29, p. 5-22, 2007. Disponível em:

<https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/issue/view/4>. Acesso em: 30 jun. 2022.

QUINTINO, M. C. R. Práticas associativas de guineenses, conexões transnacionais e cidadania incompleta. **Migrações**, v. 6, p. 81-102, 2010. Disponível em:

https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr6_Sec1_Art3.pdf/9ef68b94-7dc2-49f4-a067-6382b958463b. Acesso em: 30 jun. 2022.

QUINTINO, M. C. R. **Migrações e etnicidade em terrenos portugueses**: guineenses estratégias de invenção de uma comunidade. Tese de doutoramento. Lisboa: ISCSP, 2004.

ⁱ **Renata Maria Franco Ribeiro**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7455-3589>

Instituto Universitário de Lisboa

Doutoranda em Estudos Africanos pela ISCTE-IUL, Portugal. Mestra em Antropologia pela Universidade de Lisboa, UL, Portugal. Bacharela Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB). Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ambiente Escolar (UNILAB). Especialista em Administração Escolar (UVA). Especialista em Psicopedagogia Institucional (Fundação Darcy Ribeiro). Graduação em História e Geografia (UVA). Funcionária Efetiva da Secretaria Municipal da Educação de Guaramiranga/Ceará/Brasil.

Contribuição de autoria: Concepção e elaboração do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8306959040910206>

E-mail: renatafrancounilab@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista ad hoc: Andréa Abreu Astigarraga





Como citar este artigo (ABNT):

RIBEIRO, Renata Maria Franco. Mulheres migrantes do sul global no contexto pandêmico em Portugal. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e49192, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v4.9192>

Recebido em 25 de setembro de 2022.

Aceito em 22 de novembro de 2022.

Publicado em 22 de novembro de 2022.

